



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## **TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR**

### **RELIGIOSIDADE SEM GRAÇA**

**Marcos Roberto Inhauser**

Há um ramo da teologia que nasceu sob a influência do diálogo com outras ciências, especialmente as que beberam da fonte darwiniana, que concebe a evolução como processo normal da natureza. Trata-se do estudo comparado das religiões, nascido na Alemanha e que teve forte adesão por parte de alguns teólogos que mentes desavisadas e academicamente menos preparadas se apressam em acusar de liberais. Segundo esta linha de estudo, teria havido a evolução de uma espiritualidade primitiva para uma mais evoluída. Assim, a humanidade saiu de um animismo primitivo para um totemismo, para o culto dos ancestrais, deste para um panteísmo, para o politeísmo, chegando, finalmente, nas formas mais evoluídas que são monoteístas. Há variantes na formulação, mas ela permanece em sua essência.

A concepção pode ser criticada por ser uma visão ocidentalizada da religiosidade e arrogante das formas monoteístas como sendo superiores, em detrimento de outras.

Ocorre que, mesmo no ambiente monoteísta, se pode também ver formas de espiritualidade que alguns a definem como evolutiva. Tenho para comigo, no entanto, que elas têm mais características ideológicas, referentes ao manejo do poder ao interior das religiões que com uma teologia ou espiritualidade.

No que ao cristianismo se refere, há consenso teológico em afirmar um só Deus gracioso, imanente e transcendente, que age sem que nada O impeça ou O obrigue. Há ainda consenso em afirmar a salvação como obra desta graça divina. Ocorre que, na prática da pregação da maioria dos púlpitos e outros meios de ensino e doutrinação, o Deus da graça não existe, cedendo lugar ao Deus policial, castigador, e recompensador dos esforços humanos. Esta versão é a de um Deus que se vê obrigado a fazer o que os humanos querem, estrangendo-O por suas ações de fé ou de entrega.

No outro lado da moeda, este Deus pune exemplar e implacavelmente todos quantos não O obedecem estritamente, segundo as regras ditadas pelos religiosos de plantão, pelo pregador carismático ou pelo guru da moda.

Este tipo de espiritualidade de obediência a regras tem algumas características interessantes e que merecessem ser destacadas. Quanto mais inseguro teologicamente e quanto mais débil é a teologia do pregador ou denominação, mas regras são feitas e mais obediência é exigida dos fiéis. Não é uma espiritualidade espontânea, mas fabricada por decreto. Em segundo lugar, a grande maioria das regras impostas visa as mulheres, como forma de submetê-las, seja social ou sexualmente. Não raro elas são vistas, ainda que não de forma explícita e declarada, como parceiras do demônio na obra de levar os "santos de Deus" à perdição. Em terceiro lugar, esta visão leva a um espírito competitivo entre os fiéis, onde são medidos por dados quantificáveis: horas de oração, capítulos da Bíblia lidos diariamente, frequências aos cultos ou reuniões, tipo de roupa, ausência de adornos, versículos decorados, ofertas e dízzimos entregues.

É uma religiosidade onde a graça não entra, onde o poder do dirigente acaba por suplantar a fé autêntica, onde os fiéis não amadurecem nem crescem, e as igrejas se tornam em jardins de bonsais: eternamente anões. É uma religiosidade sem a graça de Deus, pregada por pregadores desgraçados que acabam por desgraçar a vida de muitos.